

O HOMEM EM CONTRADIÇÃO¹

Hildegard de Bingen

Tradução de Enio Paulo Giachini²

E eu vi uma outra figura, parecia um jovem, mas faltavam-lhe os cabelos na cabeça. Tinha igualmente um rosto e barba de ancião. Estava dependurado num pano escuro como se fosse uma rede balançada pelo vento. Não portava roupas. De vez em quando, porém, desenrolava-se desse pano, para depois rapidamente voltar a esconder-se nele. E disse: “Seria uma grande tolice eu querer ficar sempre no mesmo lugar, lidando com as mesmas pessoas! Em toda parte, se deve ouvir falar de mim quando houver alguma oportunidade. Se eu for visto por toda parte, minha fama crescerá. Os talos crescem em todo lugar e assim, dali, brota livremente a flor. Se entre os homens as coisas fossem diferentes, que honra poderiam esperar? Por isso sou assim, com toda minha engenhosidade e sagacidade, porto-me como esse talo, em minha beleza floresço, mostrando-me aqui e acolá de forma tão plástica como realmente sou”.

A essa postura desesperada, a da “*vagatio*”, responde a constância, a “*stabilitas*”, assim: “Como o talo verde se transforma em feno, também tu, com todas tuas artimanhas, logo irás murchar. E se passará ao largo de ti como se passa pela pior imundície andando pelo caminho. Ainda não peneiraste realmente as palavras da razão. Ficas pulando de cá para lá como um gafanhoto. És revolteado como rajadas de neve. Ainda não saboreaste um bocado sequer das delícias da sabedoria, nem sequer fruístes da bebida da discrição. Tua vida se parece com um pássaro sem ninho e sem pátria. Estar plantado no mofo e na cinza e em parte alguma jamais sossegarás”... (LVM 185/6; MV 223/4).

A figura representa o perambular, acompanhado ainda nesse caso pela zombaria. Em sua inconstância, tal homem anda como

¹ Extraído de BINGEN, H. **Zeugnisse mystischer Welterfahrung**. Olten: Walter Verlag, 1983. p. 174-180.

² Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor de Filosofia na FAE Centro Universitário. *E-mail*: enio.giachini@bomjesus.br

um vagabundo, ao desvirtuar para a desmedida tudo que está bem ordenado, tratando o próprio Deus como se viesse a findar. A infantilidade da aparência exterior faz com que não reflita sobre o que é celeste com alegria nem tenha uma séria preocupação com o que é terreno. Em vez disso, ele só consegue ver no ciclo da natureza seu próprio ânimo vacilante e vazio. Nada para ele é objeto de atenção e cuidado, não organiza nada direito nem partilha com sentido. Ao contrário, resolve todas as coisas com sua inconveniência juvenil.

É por isso que está desprovido de cabelos. O rosto de ancião e a barba significam, porém, que seus sentidos estão enfatiados, sem o sentimento honrado de uma postura digna, embora frente às pessoas queira despertar a impressão de proficiência e honradez, como é usual para pessoas probas e dedicadas. Mas as trevas, de onde ele pende balançado pelo vento, apontam que pessoas com tais vícios estão paralisadas em sua falta de confiança e presas em seu amor próprio. Mesmo assim, gostariam de satisfazer tranquilamente à sua pachorra, mesmo quando, embalados em suas múltiplas e variadas vaidades das coisas mundanas, ansiando por novos prazeres e tentações, buscam apenas sua diversão. Nesse caso, nada conseguem começar direito nem sequer terminar corretamente alguma coisa, antes, em sua instabilidade emocional, são arrastados por um turbilhão como as nuvens revoltosas. Buscam por toda parte e sempre acabam em equívocos. Sempre estão à procura do grande desconhecido e sempre de novo se deparam habitando no estrangeiro.

Nessa figura não encontramos qualquer veste especial. Isso porque tais pessoas simplesmente não conseguem se revestir decentemente com o equilíbrio de uma postura reta, preferindo perambular alardeando sempre apenas seu ânimo inseguro e vacilante. Às vezes essa figura sai do invólucro, mas logo volta a nele se esconder. Isso significa que tão logo abandonam sua antiga trilha para alardear sua grande honradez, logo retomam seus caprichos, visto que não conseguem demonstrar a ninguém o que na realidade estão buscando. Em sua teimosia contumaz só conseguem gerar o que não comporta nenhum descanso saudável nem verdadeira segurança. Sua vida é perambular por toda parte e fazer suas piadas horríveis, como fica claro na figura apresentada nos modos de falar supracitados.

Mas o ânimo equilibrado e pacífico da coerência punem tal comportamento mentiroso lembrando que um varão sincero, que busca pela fé uma segurança digna, deve elevar seu olhar para o Cristo, para falar como está escrito: “Diga-me onde está aquele que minha alma ama! Mostra-me onde apascentas teu rebanho, onde descansas ao meio-dia, para que não fique perambulando no meio da multidão de teus companheiros!” (Cc 1,6).

Essas palavras devem ser compreendidas assim: A sabedoria pronunciou essas palavras pela boca de Salomão. Mas, em sintonia com essa sabedoria, Salomão falou exatamente como um amante que fala a uma dama. Mas eu, a Sabedoria, ela mesma, tenho a dizer ainda o seguinte: outrora manifestei-me e sacudi meu manto para saciá-lo com milhares e milhares de gotas de orvalho precioso. Com esse presente, Deus mira diretamente o homem e conta firmemente com ele. Assim, vamos manter agora um diálogo!

Como coloquei ordem em tudo, quando percorri o círculo do céu, também falei a partir de Salomão, a saber, a partir do amor do criador para com sua criatura e da criatura para com seu criador. O criador enfeitou sua criatura, ao modo como a criou, presenteando-a com seu grande amor. Assim, toda obediência da criatura não passa de um desejo pelo beijo do criador: e todo o mundo recebe o beijo de seu criador, visto que Deus lhe concedeu tudo de que precisa. Mas, em comparo, o grande amor do criador para com sua criatura e da criatura para com o criador com aquele amor e fidelidade que dotou a união entre o varão e a mulher, pela qual se torna criadores e fecundos. Como toda criatura proveio de Deus, ela também depende de Deus em seus compromissos e nada pode empreender seu comando. Do mesmo modo a mulher olha para seu marido para cumprir as determinações que lhe agradam. Assim, a criação sente-se atraída ao seu criador, quando o serve obediente em todas as coisas. Mas também o criador está ligado com sua criação, quando lhe outorga o frescor verde da vida e a força vital fecunda. O mundo ficaria totalmente escuro se quisesse eximir-se de qualquer responsabilidade com o mandato divino. Mas em sua bela compleição ele floresce na medida em que cumpre suas tarefas como é devido. É só assim que, em toda e qualquer situação, a vida

se mantém responsável, e mantém boa reputação, porque todas as necessidades são bem pensadas e suficientemente ordenadas.

Por isso, também a criação, num amor íntimo para com seu criador, poderá falar como a um amado, poderá desejar ser apascentada, uma pátria, que ele tem em mente doar em sua plenitude e que deverá ser edificada criativamente pela criatura, para não ficar perdido, perseguindo aquelas figuras de idolatria, que enganam e ousam trazer o nome de uma deidade. Mas no fundo essa comparação foca no fundo no homem. É o homem, pois, a imagem e a plenitude de toda a criação. No imo do fundo de sua alma ele anseia pelo beijo de seu Deus. E, assim, ele alcança sua graça quanto deseja com íntimo anseio se atraído por ele, para trilhar decidido seu caminho em sua benevolência humilde. E quando ele se vê tomado pelas sombras do pecado, o arrependimento poderá devolver-lhe sua forma originária, de modo a recuperar, salvo e belo, seu perfume diante das filhas da Jerusalém celeste. O desejo impele-o a livrar-se da culpa tão logo Deus o convoque. Por isso, ele também que ele diz ao Cristo, seu redentor: revela-te a mim na beleza de teus mandamentos, para que eu te guarde em minha alma com todo amor. Por tua encarnação tu me redimiste, e por tua morte me ressuscitaste, pois encontraste teu prado na natureza da virgem onde te encarnaste para poder realizar todas as tuas obras. E assim elas recobram seu perfume nos bons odores dos jardins de teus perfumes. Isso porque a humildade de tua encarnação perpassou toda tua obra, assim como o orvalho cai do céu para humedecer a terra. Mostra-me onde é teu lugar de repouso, isto é, no tumulto da morte onde na plenitude da fé o ardor pleno do sol, o Espírito Santo, plenificou os fiéis, quando na época de tua ressurreição até subir aos céus a antiga lei foi transformada numa profundidade bem maior pelo Espírito Santo. Assim, não permite que meus caminhos dessemboquem no extravio, para que eu não precise percorrer novamente as vias da antiga aliança, ou trilhar os caminhos dos velhos filósofos, que possivelmente também se mantinham em aliança contigo – uma vez era através da inspiração divina que expunham na verdade suprema tudo que tinham que falar. Não quero recair outra vez, por meu comportamento tosco, naquele fazer vazio, do qual iria me apartar de novo e definitivamente em favor da felicidade (LVM 196-198; MV 237-239).